

■ O ocaso da vítima. Para além da separação entre criação e resistência¹

— Suely Rolnik

Subjetividade paradoxal

A subjetividade é o laboratório vivo onde mundos se criam e outros se dissolvem. Muitas são as políticas de subjetivação e os modos de relação com a alteridade do mundo que elas implicam, combinatórias variadas e variáveis de dois modos de apreensão do mundo enquanto matéria - como desenho de uma forma ou como campo de forças -, os quais por sua vez dependem da ativação de diferentes potências da subjetividade.

Conhecer o mundo como matéria-forma convoca a percepção, operada pelos órgãos de sentido; já conhecer o mundo como matéria-força convoca a sensação, engendrada no encontro entre o corpo e as forças do mundo que o afetam. Aquilo que do corpo é afetável por estas forças não depende de sua condição de orgânico, sensorial ou erógeno, mas de carne percorrida por onda nervosa: um "corpo vibrátil". E é a percepção do outro que traz sua existência formal à subjetividade, sua representação; enquanto que a sensação lhe traz sua presença viva. Entre estes dois modos de apreensão do mundo reside um paradoxo irresolúvel: de um lado, os novos diagramas de sensações que pulsam na subjetividade; de outro, as formas através das quais esta se reconhece e se orienta em sua atualidade. Disparidade inelutável que acaba por colocar as formas atuais em xeque, pois estas tornam-se um obstáculo para integrar as novas conexões com a alteridade do mundo que provocaram a emergência de um novo estado de sensação e, com isso, deixam de ser condutoras de processo, esvaziam-se de vitalidade, perdem sentido. Instaura-se na subjetividade uma crise que pressiona e causa desconforto. Para responder a essa pressão, mobiliza-se no homem a vida enquanto potência de resistência e de criação - vale dizer: o desconforto força a criar uma nova configuração da existência, uma nova figuração de si, do mundo e das relações

¹ Publicado em *Parachute* n°110 (Canadá); *Chimères* n° 50 (França) e *Zehar* (Espanha).

entre ambos, de modo a permitir a expansão da vida, a luta por sua resistência. São estas múltiplas transformações moleculares que, acumuladas, precipitam novas formas de sociedade, uma obra aberta cuja criação é, portanto, necessariamente coletiva. O paradoxo na subjetividade é assim constitutivo do processo de individuação em seu constante devir outro, ele é seu disparador. Isto faz de todo e qualquer modo de subjetivação, uma configuração efêmera em equilíbrio instável.

Praticar ou não esses dois modos de conhecimento e o lugar que cada um deles ocupa, definem modos de subjetivação, políticas de relação com a alteridade, cujos efeitos não são neutros: elas favorecem ou, ao contrário, constroem a processualidade da vida, sua expansão enquanto potência de diferenciação, força de invenção que decompõe mundos e compõe outros. Em outras palavras: diferentes políticas de relação com o outro favorecem ou constroem a luta da vida por sua resistência. Como problematizar nestes termos a política de subjetivação dominante no contexto atual do "capitalismo mundial integrado"² ?

Invenção seqüestrada

Alguns autores contemporâneos, especialmente no entorno de Toni Negri, afirmam que a partir dos anos 1970 ou 80, o capitalismo vem fazendo da força de invenção sua principal fonte de valor e o motor mesmo da economia. Como pensar este fenômeno do ponto de vista da política de subjetivação que ele envolve?

Dois aspectos se destacam e se entrecrocaram: por um lado, o conhecimento do mundo como matéria-força tende a ser desacreditado, o que tem como efeito sua desativação; por outro, intensifica-se brutalmente o paradoxo entre o diagrama virtual de sensações e as formas de vida atuais, o que intensifica igualmente a tensão e a mobilização da força de criação que esta dissonância provoca.

² "Capitalismo mundial integrado" (CMI) é o nome proposto por Félix Guattari ao capitalismo contemporâneo já no final dos anos 1960, como alternativa ao termo "globalização", termo por demais genérico e que vela o sentido fundamentalmente econômico, e mais precisamente capitalista, do fenômeno da mundialização em sua atualidade.

Muitas são as causas da intensificação dessa dissonância. Para ficar apenas em duas das mais evidentes, ater-nos-emos primeiramente ao fato de que a existência urbana e globalizada que se instaura com o capitalismo, implica que os mundos a que está exposta a subjetividade em qualquer ponto do planeta multiplicam-se cada vez mais e variam numa velocidade cada vez mais vertiginosa, ou seja a subjetividade é continuamente afetada por um turbilhão de forças de toda espécie; em seguida, ao fato de que a necessidade de estarem sendo constantemente criadas novas esferas de mercado - necessidade inerente à lógica capitalista -, implica que tenham que ser produzidas novas formas de vida que lhe dêem consistência existencial, e que outras sejam varridas de cena, junto com setores inteiros da economia que se desativam. Estes dois fatores, entre outros, reduzem o prazo de validade das formas em uso, as quais tornam-se obsoletas antes mesmo que se tenha tido tempo de absorvê-las. Vive-se em estado de tensão permanente, à beira da exasperação, o que faz com que a força de invenção seja muito freqüentemente convocada.

No entanto, esse processo se dá numa subjetividade cega às forças da alteridade do mundo, dissociada do corpo vibrátil e, conseqüentemente, sem acesso às mutações de estados de sensação que mobilizam sua potência de invenção, corpo-bússola que orienta a criação de territórios, de modo a fazê-los funcionar como atualização de tais mutações. Um manancial de força de invenção é liberado sem que se possa dele apropriar-se para a construção de mundos singulares em consonância com o que pede o processo vital, ou seja, sem que se possa fazer do exercício da invenção, a afirmação da potência de resistência da vida. É este manancial de força de criação "livre" que o capitalismo contemporâneo descobre como uma fonte de valor a ser explorada.

Para extrair da força de invenção sua máxima rentabilidade, o capitalismo irá fomentá-la mais ainda do que já a mobiliza por sua própria lógica, mas para fazer dela um uso perverso: cafetiná-la a serviço da acumulação de mais-valia, aproveitando e, com isso, reiterando sua alienação em relação ao processo vital que a engendrou, alienação que a separa da força de resistência. Força de invenção turbinada e liberada de sua relação com a resistência, de um lado, e de outro, tensão agravada, no contexto de uma vivência da alteridade do mundo dissociada de sua apreensão como matéria-força pelo corpo vibrátil, são os dois vetores que definem o modo de subjetivação do capitalismo em sua atualidade.

A potência de invenção turbinada e liberada de sua associação com a resistência, o capital a captura a serviço da criação de territórios-padrão para configurar os tipos de subjetividade adequadas para cada nova esfera que se inventa. São territórios de existência homogeneizados cuja formação tem como princípio organizador a produção de mais-valia, que sobrecodifica o processo. Verdadeiras "identidades prêt-à-porter" facilmente assimiláveis, acompanhadas de uma poderosa operação de marketing que cabe à mídia fabricar e veicular de modo a fazer acreditar que se identificar com tão estúpidas imagens e consumi-las é imprescindível para que se consiga reconfigurar um território, e mais do que isso, que este é o canal para pertencer ao disputadíssimo território de uma "subjetividade-luxo". Isto não é pouca coisa, pois fora desse território corre-se o risco de morte social, por exclusão, humilhação, miséria, quando não por morte real; o risco de cair na cloaca das "subjetividades-lixo" - com seus cenários de horror feitos de guerra, favela, tráfico, seqüestro, fila de hospital, criança desnutrida, gente sem teto, sem terra, sem camisa, sem documento, gente "sem" -, um território que se avoluma a cada dia. Mas se a subjetividade-lixo vive permanentemente o desconforto da humilhação de uma existência sem valor, já a subjetividade-luxo vive permanentemente a ameaça de cair no território-esgoto, queda que pode ser irreversível, o que a assombra e a deixa agitada e ansiosa numa busca desesperada por reconhecimento.

O processo se completa beneficiando-se do agravamento da tensão que cria um ambiente propício para o assédio da mídia que vende promessa de apaziguamento garantido pela reconfiguração instantânea que o consumo de seus territórios-padrão-mercadoria supostamente propicia. Operação que injeta nessa subjetividade fragilizada doses cada vez maiores de ilusão de que a tensão pode acalmar-se e a mantém alienada das forças do mundo que pedem passagem.

Na vertigem desse processo que se acelera cada vez mais, sobra cada vez menos chances de conhecer/ressoar a realidade viva do mundo como matéria-força, escapar dessa dissociação. Não dá para parar de entregar-se ao assédio non-stop dos estímulos sob pena de deixar de existir e cair na vala das subjetividades-lixo. O medo passa a comandar a cena.

No entanto, como também nos assinalam os que trabalham no entorno de Negri, se o capitalismo contemporâneo aticou a força de invenção para

cafetiná-la, em seu avesso, a mobilização dessa força no conjunto da vida social criou as condições para um poder de resistência da vida como potência de variação, provavelmente sem medida de comparação com outros períodos da história do Ocidente - uma ambigüidade constitutiva do capitalismo, seu ponto vulnerável. Pela brecha dessa vulnerabilidade vem se avolumando a construção de outras cenas, regida por outros princípios.

Que estratégias de subjetivação são essas que religam o poder de criação ao poder de resistência e o liberam de sua cafetinagem? Responder a esta pergunta, depende de colocar-se numa zona onde política e arte se misturam, afetam-se mutuamente as forças de resistência da política e as forças de criação da arte e tornam-se indiscerníveis suas fronteiras. Proponho que experimentemos nos situar nesta zona de hibridação, para vislumbrar estratégias desse tipo, primeiro do lado da política contaminada por sua vizinhança com a arte, e depois do lado da arte contaminada por sua vizinhança com a política.

Políticas da resistência: "o acontecimento Lula"

Tomarei a recente vitória de Lula nas eleições presidenciais do Brasil como exemplo de estratégias que tendem a liberar a força de criação de sua cafetinagem e a reconectá-la com a força de resistência no âmbito da política. Para além do fato tangível da eleição, um verdadeiro "acontecimento" parece ter se produzido ao longo da campanha eleitoral: a figura de Lula encarna a dissolução de uma subjetividade-lixo em sua versão brasileira, resultante de 500 anos de uma política de subjetivação colonial, escravocrata, ditatorial e capitalista, herança histórica em que se sobrepõem regimes diversos de exclusão e segmentação, que tem posicionado o país no topo do ranking mundial da desigualdade social. O acontecimento Lula é a deserção viva do lugar da subjetividade-lixo e de sua posição de vítima.

A figura da vítima pertence a uma política de relação com a crueldade que consiste em denegá-la. A crueldade, condição trágica da vida, se impõe como uma necessidade vital em função daquela disparidade entre a apreensão do mundo como matéria-forma e sua apreensão como matéria-força: quando tal disparidade atinge um limiar, a crueldade tem que se exercer para que se desfaça um mundo que já não tem sentido; ela se exerce através da potência de resistência,

de luta pela expansão da vida, e coextensivamente, da potência de criação que constrói outros mundos, sem o que a resistência não vinga.

Em se tratando de uma subjetividade clivada da realidade viva do mundo enquanto matéria-força, como acontece no capitalismo hoje, vemos que as potências de resistência e de criação se dissociam. Restrita ao conhecimento do mundo como matéria-forma e, portanto, ao mapa da forma vigente com suas figuras e seus conflitos de interesse, a subjetividade projeta no outro sua vivência da crueldade da vida e é contra o outro que irá exercê-la. O afeto de resistência é então capturado pela matriz dialética, como luta entre opostos, subjetividades reificadas em figuras identitárias, cuja luta gira exclusivamente em torno do poder. No entanto, seja qual for o vencedor, em termos de política de desejo, o que vence neste caso é a força do conservadorismo que defende a forma vigente, resistindo assim negativamente, denegando a diferença que pede passagem e brecando o acontecimento da criação de uma forma de vida que se faz necessária.

Nesta política da resistência reativa, a multiplicidade de forças em jogo é silenciada e subordinada a seu enquadramento em apenas duas figuras subjetivas: a vítima e/ou o algoz, avessos especulares de uma mesma lógica. Para o algoz a luta visa submeter o outro para que, tomado como objeto, possa ser instrumentalizado a serviço da conservação de si mesmo e de sua expansão enquanto tal. Política perversa do exercício da resistência em sua versão negativa, capturada pela forma da violência e que com ela se confunde: desde a violência explícita, física ou moral, até a violência implícita de uma forma "pacífica" que consiste num respeito politicamente correto pelo outro, regado à piedade, que o fixa num lugar identitário. Se para o algoz a violência é ativamente assumida, já para a vítima ela se justifica como reação à violência do outro, confinado na figura do "inimigo". Ela se exerce seja implicitamente no estilo queixoso, sob a forma ressentida e/ou de auto-comiseração melancólica, que detona o outro através da culpa; seja explicitamente no estilo raivoso, sob a forma vingativa e/ou paranóica. Ressentimento e vingança: políticas de resistência da vítima que respondem em espelho àquilo mesmo que pretendem combater - a lógica da violência e seus principais protagonistas, o par vítima/algoz, que tais políticas alimentam voluptuosamente.

Vítima e algoz sustentam-se na crença nas figuras da subjetividade-luxo e subjetividade-lixo, na hierarquia que marca sua relação e, portanto, no valor superior da subjetividade-luxo, referência ideal para ambas. Na vítima, a subjetividade-luxo mobiliza admiração, identificação e inveja, aquilo que a psicanálise qualifica como "identificação com o agressor". Por baixo tanto de sua reivindicação ressentida quanto do ataque vingativo há na verdade uma demanda dirigida à subjetividade-luxo tomada como modelo, demanda de valorização social, de reconhecimento, de pertencimento - ou seja, uma demanda de amor endereçada ao agressor.

O "acontecimento Lula" é o esgarçamento ao vivo da figura da vítima. Um corpo que fala desde um outro lugar: o lugar da apreensão da realidade viva do mundo como matéria-força, que se apresenta na subjetividade como sensação. Uma fala que, produzida desde este outro lugar, é portadora da exigência e da liberdade de problematizar a configuração atual do mundo como matéria-forma. Um tipo de conhecimento que não se aprende na escola, nem mesmo na melhor das universidades, mas numa verdadeira exposição ao outro como campo de forças que afetam o corpo vibrátil, agitam e convulsionam a subjetividade, obrigando-a a criar novas cartografias de existência, por exemplo, um projeto político para um país. Lula desloca-se, portanto, da redução do conhecimento do mundo às suas formas e, com isso, deixa de naturalizar a forma vigente e a hierarquia de valor social e de saberes que ela implica. Em sua fala não há mais nem lamento ressentido, nem ataque vingativo: a subjetividade-luxo perde integralmente seu poder como referência. Daí a serenidade da presença de Lula: nada a ver com marketing para forjar uma figura *light* de "paz e amor" visando tranquilizar a elite, como quiseram seus opositores. É esta qualidade de presença que mobilizou pouco a pouco uma ampla adesão, pois ela é portadora de uma potência de contaminação deste deslocamento na subjetividade de uma parte importante da sociedade brasileira, sobretudo na massa das subjetividades-lixo que chega a 90% da população do país. Este deslocamento se autoriza, se propaga e leva à vitória. Evidentemente, este não é um processo que começa com Lula, e mesmo se consideramos sua figura como uma força importante na genealogia deste deslocamento histórico, isto não começa com a campanha eleitoral em questão. Podemos destacar três etapas

deste processo desde a primeira candidatura deste personagem à cena política em 1982.³

Da primeira candidatura de Lula para governador de São Paulo em 1982 até sua terceira candidatura para a presidência da república (1998), se para uma pequena parcela da massa de subjetividades-lixo, a parcela militante, ele funcionou como figura de identificação mobilizando o afeto de resistência - que fosse em sua versão vítima ressentida e/ou vingativa -, para a grande maioria ele era visto com desprezo: "sapo barbudo" é o nome que lhe deram na época. Vigora naquele momento a aceitação passiva e naturalizada do lugar de lixo: auto-desprezo que torna impensável a quebra da hierarquia segundo a qual habitantes da cloaca não têm competência para ocupar um lugar de comando do país.

A partir da campanha que lhe deu a vitória, opera-se um real deslocamento, que se faz em dois tempos, correspondendo ao primeiro e segundo turno. Já no primeiro turno, passa-se a admitir que Lula dispute este lugar e mesmo a admirá-lo por ter rompido o cerco, mas a hierarquia de valor dos lugares sociais e de saberes que lhes correspondem continua sendo mantida. O sentimento da maioria é de que "ele é como nós": admira-se que ele tenha chegado "lá", mas acredita-se que, exatamente o fato de ser "como nós", não lhe permite beneficiar-se dos conhecimentos necessários para governar, como beneficiam-se os coronéis da oligarquia agrária, os empresários, os banqueiros, os tecnocratas ou os *scholars*. De uma dessas figuras se dirá: "ele rouba mas faz"⁴, isto é, apesar de nos prejudicar, ele sabe como fazer porque "conhece" este mundo. A fórmula é na verdade aplicável à maioria "deles": a lógica que a sustenta é a do conhecimento do mundo como matéria-forma exclusivamente. Neste modo de conhecimento, funciona como modelo a forma dominante, o que faz com que se incorpore

³ Cabe lembrar que, na primeira vez que Lula se apresentou como candidato, foi para governador do estado de São Paulo em 1982, primeiras eleições diretas após quase duas décadas de ditadura militar. Nesta primeira tentativa, ele não se elegeu. A segunda tentativa foi para deputado federal, em 1986, tendo sido eleito como o mais votado dos candidatos. Em seguida, disputou as eleições para presidência da república quatro vezes (em 1989, primeiras eleições diretas para presidência após a ditadura, e novamente em 1994, 1998 e 2002, quando foi eleito com uma maioria significativa de votos).

⁴ Slogan de campanhas eleitorais de Paulo Maluf, político de direita de São Paulo, que já foi prefeito da cidade e governador do estado indicado pela ditadura militar e uma vez prefeito da cidade eleito.

como "natural" a hierarquia segundo a qual sabem mais aqueles que pertencem ao salão glamourizado de uma subjetividade-luxo, de preferência se obtiveram um diploma do tipo PHD ou MBA, e melhor ainda se a universidade que cursaram classifica-se entre as mais prestigiadas. É, aliás, este argumento que o principal adversário de Lula, José Serra, priorizou em sua estratégia de sedução do eleitorado.

No segundo turno, a força de contaminação do modo de presença de Lula desloca mais radicalmente a cena. O sentimento da maioria dá mais um passo na ruptura: "ele é como nós" e, apesar disso, conseguiu perder o medo de ser humilhado como subjetividade-lixo; ele se autoriza uma fala imanente às sensações que se produzem no encontro vivo com a alteridade e sabe de seu valor. Esta política de subjetivação propaga-se por todo o campo social: dissolve-se o medo, uma fala viva começa a circular e uma inteligência coletiva se põe em movimento. Embora o candidato adversário, em seu desespero pela ameaça de fracasso, tenha agressivamente insistido no valor da formação universitária e na mobilização do medo de ser comandado por quem não detém este conhecimento, mobilização para a qual aliou-se à namoradilha do Brasil conservador, estes argumentos perderam todo e qualquer poder de sedução.

Se considerarmos que toda sociedade envolve políticas específicas do desejo e da subjetividade, podemos vislumbrar que estamos diante de uma passagem irreversível de um mundo a outro, mesmo que haja, e com certeza haverá, muitas idas e voltas. Um momento histórico significativo não só pela alegria de uma vitória da esquerda, especialmente por se tratar de um candidato que reúne em si várias categorias de subjetividade-lixo: de operário metalúrgico a retirante nordestino, imigrante morador da periferia de São Paulo, passando por aleijado de um dedo que alguma máquina engoliu em seus tempos de torneiro mecânico, e que, para completar, fala português "errado". Este é apenas o aspecto mais óbvio desta alegria, para não dizer ingênuo e, pior do que isso, perigoso, pois pode confundir-se com esperança, afeto triste que alimenta messianismos, populismos e todas espécies de ideais de um mundo fusional sem diferença e, portanto, sem crueldade, sem resistência, sem criação, sem vida. Vital mesmo é a alegria pelo esvaziamento do inconsciente colonial-escravocrata-ditatorial-capitalista que mantém os brasileiros reféns de uma hierarquia que os fixa na posição de subjetividade-lixo, vítimas de um suposto destino transcendental.

Se o mundo volta os olhos para o Brasil neste momento é porque a dissolução da figura da vítima diz respeito a uma necessidade que extrapola o cenário nacional. Encarnar esta figura é um vício secular da esquerda: manter a subjetividade reduzida ao conhecimento do mundo como matéria-forma, temer a crueldade inerente à vida e por isso denegá-la, projetá-la no outro e exercê-la "contra" ele. Vício que transforma a crueldade em violência e separa da potência de criação, a luta pela resistência da vida.

A fórmula que o acontecimento Lula propõe para o tratamento deste vício nefasto consiste na ativação do acesso ao corpo vibrátil que promove uma abertura na subjetividade em direção ao outro como campo de forças de um mundo diverso do seu, ao qual desejamos correr o risco de nos expor. Uma fórmula que consiste em encarar a crueldade inerente à vida, libertando a potência de criação seja de sua anestesia, seja de sua captura pelo capital e a potência de resistência, de sua interpretação pela matriz dialética. Abre-se a possibilidade de uma política de desejo em que resistência e criação se reencontram. Não será exatamente isso a tão esperada "abertura" que, desde os anos da ditadura militar, os brasileiros chamaram de democrática?

Lembrando que a vítima é uma inconveniente presença também nas práticas culturais, especialmente as de cunho mais explicitamente político, cabe perguntar-se: estaria esta figura evanescendo igualmente nesta cena? Como a criação artística em sua interface com a resistência pode escapar à erotização da vítima? Mais do que isso, como ela pode participar ativamente do desinvestimento desse personagem nefasto por todo o corpo social? E mais amplamente ainda, como nas práticas artísticas da atualidade religam-se criação e resistência, se nos colocamos naquela zona onde política e arte se misturam, afetam-se suas forças, tornando-se suas fronteiras indiscerníveis?

Políticas da criação: práticas artísticas na atualidade

Se considerarmos que a prática artística consiste em atualizar sensações, trazê-las para o visível e o dizível, produzir cartografias de sentido, e que a sensação é a presença viva no corpo das forças da alteridade do mundo que pedem passagem e levam à falência as formas de existência em vigência, podemos afirmar que atualizar estas forças é socializar as sensações, fazendo

comunicar as novas composições de forças que afetam um coletivo e o fazem derivar para novas configurações.

Dizer que a força de invenção encontra-se não só mobilizada, mas celebrada e intensificada por toda o campo social, é dizer que o exercício da criação não se mais encontra confinado na arte, como uma esfera específica de atividade humana. Esta situação coloca para a arte novos problemas e exige dela novas estratégias. Através de que estratégias as práticas artísticas estariam operando sua função problematizadora em nossa atualidade? Como estariam elas promovendo a reconexão das potências de criação e de resistência, dos afetos estético e político?

Permanecer simplesmente no gueto da "arte" enquanto esfera separada onde se confinava a potência de criação no regime anterior é mantê-la dissociada da potência de resistência e correr o risco de oferecer-se como fonte de valor para a cafetinagem do capital. Risco de se ver assumindo enquanto artista a função de fornecedor de droga pesada de identidades prêt-à-porter com seus lotes de cartografias de sentido, para serem comercializadas pelos dealers de plantão no mercado em ascensão de subjetividades em síndrome de abstinência de sentido e de contorno de si. Tampouco se trata de insistir na cantilena da necessidade de religar arte e vida, do mesmo modo como esta questão colocava-se na modernidade, pois se arte e vida continuam a estar dissociadas, já não é pela desativação da criação no conjunto da vida social e seu confinamento no gueto da arte: esta situação já foi resolvida pelo capitalismo antes e mais eficazmente do que pela arte. Se existe uma dissociação, e é evidente que ela existe, ela certamente deslocou-se, tornando-se ao mesmo tempo mais sutil e mais perversa: uma operação de grande complexidade e que pode incidir sobre diferentes etapas do processo de criação, e não só em sua etapa final e mais evidente, quando a dissociação incide sobre seus produtos, reificando-os, seja como "objetos de arte" separados do processo vital, seja como fonte de mais-valia de glamour a ser associado por exemplo ao logotipo de empresas e até de municipalidades (como é o caso de Bilbao), que incrementa seu poder de sedução e portanto de identificação, o que favorece seu sucesso comercial.

Algumas práticas artísticas na atualidade parecem lidar de modo especialmente eficaz com o problema acima apontado. Sua estratégia consiste na inserção sutil e precisa em pontos de esgarçamento do tecido da vida social,

onde pulsa uma tensão pela pressão de uma nova composição de forças que pedem passagem; um modo de inserção mobilizado pelo desejo de expor-se ao outro e correr o risco desta exposição, ao invés da garantia de uma relação politicamente correta que confina o outro numa representação e protege a subjetividade de sua contaminação afetiva. A "obra" consiste em presentificar tais forças e a tensão que elas provocam, o que passa pela conexão da potência de criação com um pedaço de mundo apreendido como matéria-força pelo corpo vibrátil do artista e, coextensivamente, pela ativação da potência de resistência. Inventam-se "dispositivos espaço-temporais de um outro estar-junto"⁵ : a presença viva desta atitude encarnada numa prática artística, tem poder de contaminação e propagação nos meios nos quais ela se insere, direta ou indiretamente. Já mobilizada neste meio como por toda parte, a força de criação ao ser autorizada a reconectar-se com a vivência do mundo como matéria-força e a exercer-se como potência de resistência ganha uma oportunidade para libertar-se de seu destino perverso que lhe destituiu do poder de inventar cartografias singulares que atualizem as mutações dos estados de sensação em curso. A obra propriamente dita é este acontecimento.

Que outras estratégias artísticas estariam enfrentando os problemas aqui assinalados? Que outros problemas estariam sendo colocados pela dissociação entre resistência e criação no âmbito das práticas artísticas? E, mais amplamente, no âmbito de outras práticas sociais, como estariam se reativando e se imbricando o afeto político e o afeto estético, potências essenciais para uma saúde vital em qualquer atividade humana? Encontrar direções de resposta para estas perguntas é tarefa que não pode ser realizada apenas individualmente. Um tal trabalho depende da acumulação de experimentações infinitesimais por toda a trama do tecido da vida coletiva.

⁵ In: Jacques Rancière, "*Estética y política. Un vínculo para replantear* " (Estética e política. Uma relação a ser repensada). Seminário do autor, inédito, organizado pelo Museu d'Art Contemporani de Barcelona - MACBA (Barcelona, 13 a 17 de maio de 2002).

■.....Sueley Rolnik é professora titular da PUC São Paulo (Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade - Pós-graduação em Psicologia Clínica) e co-autora, com Felix Guattari, de *Micropolítica. Cartografias do Desejo*.